

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Ricardo Borges Tezza

**Movimento Olímpico e os Jogos Olímpicos de 1972, Munique (Alemanha):
uma pesquisa bibliográfica**

Porto Alegre
Dezembro de 2012

Ricardo Borges Tezza

**Movimento Olímpico e os Jogos Olímpicos de 1972, Munique (Alemanha):
uma pesquisa bibliográfica**

Monografia apresentada como pré-requisito
parcial à aprovação na disciplina TCCII.
Escola de Educação Física. Universidade
Federal do Rio Grande do Sul.
Prof^a.Dr^a Janice Zarpellon Mazo

Porto Alegre

Dezembro de 2012

AGRADECIMENTOS

A professora Janice Zarpellon Mazo, que dispôs a me orientar, incentivando e apoiando essa caminhada, sempre presente e paciente diante das minhas angustias

RESUMO

Os Jogos Olímpicos da modernidade são um megaevento esportivo de repercussão mundial. A edição dos Jogos Olímpicos realizada em 1972, na cidade de Munique (Alemanha) marcou a história do evento em decorrência especialmente, do seqüestro dos atletas israelenses e dos atos brutais. O presente estudo tem como objetivo examinar os fatos relevantes nos Jogos Olímpicos de 1972, realizados em Munique, que colocaram em questão o Olimpismo e o Movimento Olímpico. A pesquisa foi desenvolvida por meio de uma revisão bibliográfica em livros, artigos e sites. Foram encontrados contradições e mudanças no posicionamento a respeito do ideal olímpico durante os Jogos Olímpicos nos últimos quarenta anos assim como o discurso apolítico do movimento, ficou evidente a influencia do marketing e da mídia na preparação e execução de megaeventos.

PALAVRAS-CHAVE: Jogos Olímpicos, Munique, Olimpismo, Movimento Olímpico.

ABSTRACT

The Olympic Games of modernity are a megasports worldwide repercussions. The Olympic Games held in 1972 in Munich (Germany) marked the history of the event due especially the kidnapping of Israeli athletes and brutal acts. The present study aimed to examine the relevant facts in the 1972 Olympics, held in Munich, which questioned the Olympism and the Olympic Movement. The research was conducted through a literature review of books, articles and websites. We found contradictions and changes in positioning about the Olympic ideal during the Olympic Games in the last forty years as well as the apolitical discourse of the movement became evident the influence of marketing and media in the preparation and execution of megaevents.

KEYWORDS: Olympic Games, Munich, Olympism, Olympic Movement.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS..... | 7 |
| 2 OLIMPISMO & MOVIMENTO OLIMPICO..... | 10 |
| 3. JOGOS OLÍMPICOS DE MUNIQUE | 14 |
| 3.1 A Guerra Fria nos Jogos Olímpicos..... | 15 |
| 4 ULTIMAS CONSIDERAÇÕES | 19 |
| 5 REFERÊNCIAS | 24 |

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Os Jogos Olímpicos foram concebidos para ser um evento importante do calendário esportivo mundial, tendo características de um grande festival para o conagraçamento das nações. Ao longo do século XX, os jogos cresceram em tamanho e importância, ganharam símbolos e rituais próprios e se tornaram um grandioso espetáculo. Além disso, para garantir a vocação internacionalista dos Jogos, Coubertin pressupunha a neutralidade do campo esportivo. Portanto, ele defendia a independência dos Jogos em relação a governos nacionais. Em princípio, era preciso contar com o patrocínio de alguns aristocratas, que deviam se responsabilizar por boa parte do financiamento do evento. Também era necessário cobrar o ingresso do público, para afastar uma massa de espectadores indesejados. E cada delegação custeava seus gastos com a viagem.

Durante os jogos olímpicos de Munique em 1972 estimou-se que esse acontecimento foi acompanhado por 1 bilhão de telespectadores e por 4000 jornalistas o que sem duvida, conduziu os responsáveis políticos a tomarem consciência de que o esporte constituía um fenômeno singular em nossa sociedade, de acordo com Freitas (2006) tal evento chamou a atenção dos sociólogos na área no esporte sendo assim tal fenômeno não poderia ser negligenciado, dentro da área das ciências humanas. Proliferaram, nesse período, diversos livros e manuais abordando questões relativas ao esporte.

Os autores críticos saíram da obscuridade e, em 1972, foi publicada a obra *Sport and Society* de Talami e Page (1973), sobre o significado sociológico do esporte. Esta obra demonstraria a riqueza de elementos e possibilidades de reflexão sobre o esporte e as sociedades desportivas. Foi a partir desse ano que a sociologia do esporte tornou-se mais organizada, mais estruturada e institucionalizada.

Justifica-se o interesse pelo tema Movimento Olímpico em razão da minha vida acadêmica no Grupo Estudos Olímpicos (GEO) da PUCRS. O presente estudo apresenta como objetivo examinar os fatos relevante nos

Jogos Olímpicos de 1972, realizados em Munique na Alemanha, que colocaram em questão o Olimpismo e o Movimento Olímpico.

Para este estudo de natureza qualitativa realizou-se uma pesquisa bibliográfica, em livros, artigos, teses, dissertações e documentos sobre o tema Jogos Olímpicos, Olimpismo, Movimento Olímpico e os Jogos Olímpicos de 1972 em Munique. A perspectiva teórica que norteou a análise documental foi alicerçada na História Cultural.

O trajeto percorrido foi norteado pelo prisma da Nova História Cultural, buscando as representações sociais produzidas pela documentação consultada sobre Olimpismo e Movimento Olímpico nos Jogos Olímpicos de 1972 em Munique, mas também apoiando-se em outros autores, como pode ser visto no quadro teórico a seguir.

A história cultural, vem nos trazendo diferentes concepções históricas durante os últimos 200 anos alterando-se e se mostrando como um paradigma que buscou superar concepções bastante fechadas e materialistas, na qual, a influência da cultura era praticamente negligenciada. observamos que em cada momento uma visão se sobressaia sobre os demais. Com o tempo então, foram feitas pesquisas englobando as mais variadas perspectivas históricas, chegando ao surgimento de um novo paradigma, como pode ser visto na obra de Peter Burke, "O que é história cultural?", publicada no Brasil em 2005.

Burke em 2005 nos trás a "Nova História Cultural" em busca de uma expansão da cultura dentro da ciência ajudando as abordagens dentro novo paradigma. Dentro da Nova História Cultural, a história das práticas e das representações surgiram como formas mais específicas de observação, assim como, a vertente de análise da história da leitura ou, a história da memória. Aqui, a história da prática esportiva é o foco principal, e ainda é imprescindível o olhar através das representações sociais das práticas estudadas. Afinal, deve ser levado em conta que toda apropriação do real, através de um concepção construtivista de representação, é vista como uma construção, e não uma cópia plena da realidade, e nem tampouco, fruto exclusivo da imaginação. contudo, é através da história das práticas que a história do esporte obteve maior credibilidade, deixando de ser assunto apenas de amadores. e é por

meio deste prisma, em busca das praticas e suas representações no passado, que esta pesquisa se desenvolve.,

Sendo assim, é através da historia das praticas que a historia do esporte obteve maior credibilidade, deixando de ser assunto apenas de amadores e é por meio desta abordagem, em busca dos eventos e suas representações e impacto, que esta pesquisa de desenvolve.

2 OLIMPISMO & MOVIMENTO OLIMPICO

O Barão francês Pierre de Coubertin (1863-1937), fundador do Comitê Olímpico Internacional – COI (International Olympic Committee – IOC), do Movimento Olímpico e dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, considerava-se em primeiro lugar, um educador. De acordo com o COI, Coubertin via o esporte como parte da educação de qualquer jovem assim como a ciência, a literatura e as artes. Mesquita (2007) nos diz que em 1949, numa conferência do COI realizada em Roma, foi criada a Academia Olímpica Internacional (AOI). Desde a sua fundação, a AOI tem-se empenhado em estudar e discutir as idéias de Coubertin e os caminhos e perspectivas do Movimento Olímpico. De maneira a concretizar seus objetivos, a AOI instituiu encontros anuais que ocorrem em suas instalações na cidade de Antiga Olímpia, com este suporte institucional e com essa visão, o objetivo de Coubertin era oferecer educação harmoniosa para o corpo e a mente da juventude. Os Jogos Olímpicos proporcionaram a visibilidade e o escopo internacional que o conceito de educação de Coubertin precisava. Em posição de destaque por causa dos Jogos, esse conceito pôde se tornar permanente, não dependendo da existência dos Jogos.

Entretanto se faz necessário diferenciar Olimpismo, Movimento Olímpico e Jogos Olímpicos pois estes possuem conceitos e valores historicamente distintos. Para Müller (1988), em *Olympism and Sport For All*, o termo "Olimpismo" refere-se à dimensões pedagógicas e filosóficas do assim chamado "Movimento Olímpico" e não à estrutura organizacional desse movimento, nem, muito menos, à dos Jogos Olímpicos.

"O Olimpismo é uma plataforma filosófica de vida. Um sistemas de princípios, valores e significados que tenta expandir idéias que lhes são intrínsecas, bem como propor valores relativos à ideologias econômicas, culturais, sociais e políticas" (Müller, 1988, p.12).

O Jogos Olímpicos representavam a institucionalização de uma concepção de pratica de atividades físicas que transformava o esporte em um empreendimento educativo, moral e social, destinado a produzir reflexos no

plano dos indivíduos, das sociedades e das nações. A este *corpus* de valores Pierre de Coubertin chamou de Olimpismo.

Segundo Parry (1997), o Olimpismo é uma filosofia social que enfatiza o papel do esporte no desenvolvimento mundial, no entendimento internacional, na coexistência pacífica, e na educação social e moral. Coubertin, segundo este autor, entendeu que a atividade física era sujeita a universalização, colocando-se como um ponto de contato entre culturas diversas.

O Olimpismo, para Parry, consubstancia-se pela reinterpretação, por Coubertin e outros autores, de duas ideais centrais da cultura grega: *kalos kagathos* e *arete*, já para Nissiotis:

"A Idéia Olímpica é aquele princípio exemplar que expressa a essência mais profunda do esporte como um autêntico processo educativo através de uma luta contínua para criar um homem saudável e virtuoso da maneira mais elevada possível (*kalos kagathos*) na imagem do vencedor Olímpico e atleta." (Nissiotis, 1984, p.8)

E *arete*, o senso da excelência e do dever para consigo mesmo.

"O atleta olímpico então ilustra o mito hercúleo da façanha culturalmente excepcional, isto é, da ação essencialmente desnecessária para a sobrevivência que é contudo altamente valiosa e que surge da completa devoção ao esforço para se atingir um objetivo difícil." (Lenk, 1982, p.8)

Loland (1994), nos trás uma perspectiva diferente e argumenta que o Olimpismo possui quatro objetivos principais:

a) educar e cultivar o indivíduo através do esporte; b) cultivar a relação do homem com a sociedade; c) promover o entendimento internacional e a paz; d) promover a grandeza e a potencialidade do humano.

No site do Comitê Olímpico Brasileiro está descrito que o Movimento Olímpico visa desenvolvimento do Homem e da compreensão universal através

do esporte, o Movimento Olímpico celebra a paz e incentiva o respeito mútuo entre as pessoas.

De acordo com a Carta Olímpica, o Comitê Olímpico Internacional (COI), as Federações Internacionais dos Esportes (Fis) e os Comitês Olímpicos Nacionais (CONs) devem trabalhar juntos para promover este movimento. Unidas, estas entidades contribuem para a construção de um mundo melhor pautado em uma consciência democrática, humanitária, cultural e ecológica por meio da prática esportiva.

O Barão Pierre de Coubertin recriou os Jogos Olímpicos da Antiguidade com o intuito de propagar estes valores. Além do caráter ideológico da iniciativa, ele acreditava que a realização da competição era necessária para incentivar a integração entre as nações e seus povos – uma tendência crescente no fim do século XIX. Os antigos ideais olímpicos gregos inspiraram Coubertin, que criou a noção moderna de Olimpismo - filosofia que norteia as ações do Movimento Olímpico rumo ao objetivo maior de aperfeiçoamento do ser humano.

Com o passar dos anos, os Jogos Olímpicos foram ganhando maior importância e foram sendo inventadas novas tradições. Para Araujo et al. 2008, uma destas novas tradições foi a bandeira com anéis coloridos representando os cinco continentes esta foi criada apenas em 1914, enquanto o juramento oficial passou a constar da cerimônia de abertura nos Jogos Olímpicos de 1920, em Antuérpia, e o lema Citius, Altius, Fortius foi criado para os Jogos Olímpicos de 1924 realizados em Paris (França).

Para Coubertin, era fundamental resgatar elementos da cultura esportiva da Grécia Antiga, mas criando uma tradição compatível com a modernidade de sua época, em especial cultivando uma ética alicerçada em virtudes pessoais e no respeito às regras instituídas. Ele fazia questão de dizer que os Jogos Olímpicos tinham como missão enobrecer e reforçar a prática esportiva para garantir sua independência em relação a outros interesses e motivações, assim como permitir que ela cumprisse o papel educacional que lhe cabe no mundo moderno. E enaltecia a glorificação do atleta individual, cuja atividade é

necessária para ajudar a forjar condutas vitoriosas na sociedade e cuja bravura é necessária para a manutenção do “espírito de competição”.

3. JOGOS OLÍMPICOS DE MUNIQUE

Tavares em 2005 escreveu que os Jogos Olímpicos de Munique em 1972 foram uma tentativa da Alemanha Ocidental se afastar de qualquer traço da imagem Nazista, até o slogan "Jogos da Alegria" que ao final dos jogos pareceria uma piada de mau gosto. Os jogos começaram no dia 26 de agosto e acabaram no dia 10 de setembro, e neste espaço de 16 dias muitos eventos iriam modificar para sempre a história dos Jogos Olímpicos e do Movimento Olímpico.

De acordo com Simioni, 2012 o evento mais emblemático começou às 4h30m da manhã do dia 05 de Setembro de 1972, oito membros da organização terrorista Setembro Negro entraram na Vila Olímpica vestindo abrigos esportivos e se deslocaram para os apartamentos da delegação israelense. Ao invadirem o primeiro apartamento, o árbitro de luta-livre israelense Yossef Gutfreund tentou impedi-los, porém foi ferido, assim como o treinador Moshe Weinberg foi baleado no rosto. Após invadirem o outro apartamento, o halterofilista Joseph Romano foi assassinado ao tentar render um membro do Setembro Negro. Os terroristas de posse de nove reféns, iniciaram uma série de exigências, entre elas a libertação de 234 prisioneiros da Organização de Libertação da Palestina (OLP) e de dois terroristas alemães (Baader e Meinhof). Na tarde deste dia, policiais alemães organizaram uma ação de resgate, vestindo uniforme de atletas. Contudo, os terroristas estavam acompanhando, ao vivo, a movimentação policial pela televisão e informaram que qualquer tentativa de invasão por parte da polícia resultaria na morte dos reféns.

Os terroristas fizeram a exigência de um avião para serem levados para a capital do Egito, Cairo. Após graves erros de planejamento e execução da ação de retomada de reféns, os terroristas atiraram e detonaram uma granada, matando todos os nove reféns. Na ação, cinco terroristas e um policial foram mortos e três terroristas foram presos. A Organização Terrorista Setembro Negro foi responsável por 17 mortos e 02 feridos, de acordo com Sugahara, 2008 Munique foi o local e o momento onde o terrorismo internacional ganhou

projeção. Ainda dentro do pensamento de Suguhara o atentado durante os Jogos Olímpicos de Munique, em 1972 foi o que teve maior repercussão na mídia internacional até então, sendo, inclusive explorado pela indústria cinematográfica. Estima-se que 900 milhões de pessoas assistiam, ao vivo, a ação da organização terrorista Setembro Negro, na Vila Olímpica. entre os telespectadores estavam os terroristas palestinos que puderam acompanhar pela televisão a movimentação da polícia alemã de dentro do apartamento da equipe israelense seqüestrada. Frustrando assim a primeira tentativa de resgate.

3.1 A Guerra Fria nos Jogos Olímpicos

Conforme Hobsbawm (1995) a Guerra Fria foi quase uma extensão da Segunda Guerra Mundial, que teve seu fim com a derrota de alemães, japoneses e italianos e deixou o mundo dividido em dois grandes blocos políticos de poder. O pós-guerra foi marcado por uma reconfiguração de alianças e aproximações políticas, cujo elemento norteador da formação de blocos se deu pela ideologia e os interesses políticos e econômicos subjacentes a ela.

Os Principais protagonistas da Guerra Fria, Estados Unidos da América (EUA) e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), aliados durante a Segunda Guerra Mundial, diante da necessidade de união de forças contra um inimigo comum, protagonizaram ao longo da segunda metade do século XX batalhas sem sangue utilizando para isso diferentes recursos para a afirmação de superioridade. O esporte foi um deles. Em meio a esse quadro os Jogos Olímpicos foram manipulados como mais uma forma de demonstração de poder político e força social. As medalhas passaram a ser contadas como pontos a favor de seus respectivos regimes, afirmando um tipo de superioridade não pretendida pelo Movimento Olímpico.

De acordo com López (1992), já em 1948 a política havia ocupado no Olimpismo um protagonismo que não lhe cabia. A condição de isolamento

imposta pelos burocratas ingleses que dominavam o Movimento Olímpico à Alemanha e ao Japão, derrotados na guerra, era um indicador de que as questões do mundo político arranhavam a aura independente do Olimpismo.

Rubio (2010) propõe um olhar singular com relação aos jogos olímpicos e seu curso durante o século XX e durante o período da guerra fria ela sugere a fase de conflito e esta fase não recebe este nome em decorrência da coexistência com a Guerra Fria, mas com os diferentes tipos de conflito que existiram ao longo desses anos. A década de 60, na qual ocorreram os Jogos Olímpicos de Roma 1960, Tóquio 1964 e México 1968 é a prova dessas divergências. Se em Tóquio o Japão desejou mostrar ao mundo que havia superado as seqüelas da Segunda Guerra, promovendo uma edição dos Jogos repleta de inovações tecnológicas, quatro anos depois era a vez da primeira nação latino-americana mostrar que era capaz dessa proeza. Naquele momento o mundo não se dividia apenas entre capitalistas e socialistas, mas havia também uma discriminação entre ricos e pobres, desenvolvidos e subdesenvolvidos.

Lopez (1992) aponta que os países de língua inglesa protestaram diante da possibilidade da celebração olímpica ir parar no terceiro mundo. Já os países fora do circuito do desenvolvimento apoiavam essa possibilidade com o argumento de expansão do Movimento Olímpico e da prática verdadeira de seu ideal.

Não só o México, mas grande parte do mundo, vivia a ebulição de um momento histórico marcado pela invasão da Tchecoslováquia por tanques soviéticos, pelos protestos estudantis em Paris que se espalharam por muitos outros países, pelos anos mais difíceis do regime militar no Brasil e pelo crescimento do movimento racial norte-americano que ganhava projeção mundial a partir da morte de Martin Luther King e da organização dos Panteras Negras. Essas manifestações não passariam despercebidas pelos Jogos de 1968.

Para Cardoso (2000), as conseqüências praticas deste clima político seriam sentidas durante todos os jogos, um dos eventos mais marcantes foram a polemica decisão da medalha de ouro no basquetebol masculino, restando

três segundos para o término do jogo, os americanos venciam por 50 a 49 e recuperaram a posse de bola. O técnico soviético reclamou com o juiz, o brasileiro Renato Righetto, que supostamente não atendera seu pedido de tempo. Presente ao ginásio, o secretário-geral da Federação Internacional de Basquete, o inglês William Jones, interveio, aceitou o protesto russo. Na nova oportunidade, com os três míseros segundos de bola rolando, a União Soviética marcou com Alexander Belov. Resultado final: 51 a 50 para os russos. Os americanos entraram com recurso, na hora, mas a revisão foi rejeitada por três votos a dois – os representantes de Cuba, Polônia e União Soviética, claro, votaram pela manutenção do resultado. E o muro que dividia o mundo rachou também a final de basquete. Na cerimônia de premiação, os soviéticos ocuparam o primeiro degrau no pódio e os cubanos o terceiro. o degrau do segundo lugar ficou vazio. indignados, os americanos se recusaram a receber a medalha de prata.

Cardoso (1996) apresenta a declaração do atleta norte-coreano Ho Chun Li, a respeito do seu desempenho e logo após vencer a prova de carabina deitado e estabelecer um novo recorde mundial, Chun Li explicou o segredo de sua prodigiosa pontaria. "O nosso primeiro-ministro nos disse que devemos atirar como se estivéssemos apontando para nossos inimigos, Foi o que fiz" (p.172)

Nas Olimpíadas de 1972, em Munique, o nadador americano Mark Spitz usava nas mãos um par de tênis da marca Gazelles, fabricado pela Adidas, ao acenar para o público nas sete vezes em que subiu ao pódio para receber as suas sete medalhas de ouro. O jornal O GLOBO em 2005, publicou uma matéria sobre o livro de Horst Dassler, filho do fundador da Adidas, Adolf Dassler, disse que conversou com o nadador Mark Spitz ainda na Vila Olímpica de Munique, antes do início das Olimpíadas. Sobre como expor a marca da empresa nas cerimônias de entrega de medalhas carregando o tênis da empresa de um lado para outro. Assim temos outro marco nas relações entre jogos olímpicos e atletas profissionais. Ao voltar para os Estados Unidos onde foi recebido com pompa e circunstância e uma fila de agentes querendo comprar sua imagem. Mark Spitz vendeu de gilete a leite em pó e ganhou um programa de televisão com o comediante Bob Hope (Cardoso, 1996).

Ainda seguindo as palavras de Cardoso (1996) na decisão do hóquei sobre a grama a medalha de ouro ficou com a Alemanha vencendo o Paquistão na final e pela primeira vez desde 1928, Índia ou Paquistão deixavam escapar o ouro, na premiação os Paquistaneses jogaram a medalha de prata no chão e ficaram de costas para a bandeira alemã, o COI acabou banindo todos os atletas paquistaneses de futuras Olimpíadas.

4 ULTIMAS CONSIDERAÇÕES

A confraternização dos povos através do esporte é bem mais do que um simples clichê. Nos últimos cem anos, as Olimpíadas se constituíram num dos raros rituais capazes de proporcionar momentos de real harmonia entre os povos. Entretanto Munique foi o palco de uma tragédia. Com o fim da cerimônia de abertura, os Jogos começaram, e na primeira semana ocorreram de maneira espetacular, apesar dos problemas "fora" de Munique - Guerra Fria entre Leste e Oeste, conflito no Vietnã, violência na Irlanda do Norte, todos estes eventos testemunhavam o ideal olímpico.

Para Reeve (2011) aqueles que acompanhavam os Jogos de Munique, acreditavam que em meio a tensão internacional o esporte oferecia, uma chance de sanidade e meios de interlocução entre inimigos internacionais num nível individual e humano, talvez o COI não fosse capaz de compreender a situação internacional e a tensão política na sociedade da época, é como se os fenômenos sócio-culturais fossem complexos e grandes demais para suportarem o confinamento num simples evento esportivo.

[...] todos os fenômenos sociais estão eivados de política, inequivocamente. Desse modo, como um dos fatores da cultura humana relevante " fato social total", o esporte não está a margem desta constante estrutural; pelo contrário, são sempre mais ou menos visíveis suas interações. (MURAD, 2005, p.75)

Política e Olimpíadas vem caminhando juntas desde que estas existem. em 1936, Adolf Hitler percebeu o poder de marketing dos Jogos e a maneira como os jogos eram transmitidos deram um salto de qualidade. Passaram a ser tratados como assunto de interesse do Estado, explorados sistematicamente pelos poderosos, muitos países ao longo dos anos se tornariam modelo em fabricar campeões. Até hoje invejados pelos seu nível de aproveitamento do material humano disponível.

Aqui, deixamos claro que concordamos com as observações de DaMatta (1979), de que o esporte não é o ópio do povo e não o deixa alienado. Mas, pode ser usado para difundir idéias e, em diferentes épocas, alguns

governantes usaram o esporte para sua promoção e exaltação de suas ideologias. (apud Rubio 2010)

De acordo com Engelman & Perrone (2009) os Jogos Olímpicos constituem o maior evento esportivo da nossa sociedade e, ao mesmo tempo, marcam um ponto de intersecção entre o esporte e os negócios, a tecnologia e a cultura. No entanto, a perspectiva de uma política multicultural do esporte indicia não somente um ponto de intersecção, mas também o encontro de contradições. A primeira delas e também a mais óbvia é a contradição existente entre os ideais ou a ideologia do Olimpismo e a realidade do mundo olímpico moderno.

A tarefa audaciosa de promover uma competição esportiva de âmbito internacional, espelhada nos Jogos Olímpicos gregos, com caráter educativo e permanente demandava a criação de uma instituição que desse o suporte humano e material para a realização de tal empreitada. (RUBIO, 2012, p.6)

Deixou de haver Olimpíadas em 1916, por ocasião da Primeira Guerra Mundial, e em 1940 e 1944, em decorrência da Segunda Guerra. Mas não deixa de ser surpreendente que três meses após o fim da Segunda Guerra Mundial, os homens dos Comitê Olímpico Internacional (COI) já estivessem reunidos para tratar da próxima edição dos Jogos. (Cardoso, 2000)

Os Jogos de Munique foram singulares por uma série de motivos e de forma inovadora, foi contratada uma agência de publicidade para cuidar do licenciamento da marca olímpica. Os direitos para utilização do símbolo oficial dos Jogos foram cedidos e acordos de publicidade foram firmados. E foi criado o primeiro mascote oficial, o cão "Waldi", cuja imagem foi licenciada para empresas comerciais. Para o Barão de Coubertin "O profissionalismo se constitui no pior inimigo dos esportes" entretanto os inventores do amadorismo queriam antes de mais nada afastar da arena os trabalhadores.

O esporte estava reservado a quem pudesses se dedicar a ele em tempo integral e desinteressadamente, enquanto os comuns dos mortais suavam para garantir o pão seu de cada dia. (PRONI, 2008)

A mercantilização e a espetacularização dos torneios transformaram o esporte de alto nível numa atividade profissional orientada para satisfazer a próspera indústria do entretenimento. Mas, no caso dos Jogos Olímpicos, essa mudança gerou uma série de contradições, uma vez que representou a negação do ideário original. Ou, pelo menos, abalou a crença na Olimpíada como uma competição “pura”, limpa de interesses políticos e comerciais, direcionada para o engrandecimento da cultura física universal (Pires, 2002).

Não há dúvida de que, em razão de um conjunto de circunstâncias, uma mentalidade empresarial para o esporte veio se consolidando e rompendo com princípios que haviam orientado o movimento olímpico ao longo de mais de oitenta anos. E parece claro que o marketing esportivo e a ação das redes de televisão deram aos Jogos Olímpicos uma dimensão econômica que nem de longe se cogitava até 1980. (PRONI, 2008)

Voltando no tempo e lendo declaração de Samaranch encontra-se num mundo diferente daquele descrito [em 1972] por um ex-presidente olímpico, que declarou: “As Olimpíadas não são um negócio, e aqueles que almejam ganhar dinheiro com o esporte não são bem-vindos. É isso e pronto!” Aqueles que desejam ganhar dinheiro com o esporte, hoje em dia, são recebidos de braços abertos. O preço que o Comitê Olímpico Internacional de Samaranch cobra das companhias de televisão e conglomerados comerciais multinacionais é assombroso. (PRONI, 2004)

De acordo com Colli, 2004 Samaranch foi o sétimo presidente do COI e ficou no cargo entre 16 de Julho de 1980 até 16 de julho de 2001, ele mesmo foi responsável por contratos de publicidade e acordos de transmissão televisiva, em um século, os Jogos cresceram e se transformaram num evento

grandioso que em nada lembra o prosaico encontro dos pioneiros de Atenas. A mercantilização do esporte é apenas o mais recente de seus pecados. Dinheiro, poder, política, nacionalismo, doping, fraude fazem parte do evento tanto quanto o suor dos atletas e o brilho das medalhas.

Segundo Salun (2012, p.4) “aos poucos, no século XX, a idéia inicial de confraternização foi substituída por uma visão de espetáculo e competição.” Vencer os Jogos Olímpicos se tornou uma grande propaganda de um regime ou um Governo para todo o mundo. Isso se tornou tão evidente que o Comitê Olímpico Internacional, depois de grande tensão criada pela “Guerra Fria” nos Jogos Olímpicos, interveio e divulgou em 1990 uma Carta Olímpica com os principais pontos: a) Não haverá discriminação racial, religiosa ou política contra qualquer país ou pessoa participante dos Jogos; b) Não serão atribuídos pontos e não será determinada uma nação como vencedora dos Jogos Olímpicos; c) Não será permitida qualquer propaganda ou manifestação de cunho político, religioso ou racial. (SIGOLI; DE ROSE, 2004)

Em contraste com está carta de 1990, Coubertin acreditava que o esporte exercia um papel crucial no desenvolvimento do individuo. Em 1892 em Paris, ele propôs que os Jogos Olímpicos fossem revividos. Dois anos depois, fundou o COI e estabeleceu os quatro princípios básico do moderno Movimento Olímpico:

- 1 Promover o desenvolvimento das qualidades físicas e morais, que estão na base do esporte.
 - 2 Educar a população jovem por meio do esporte, em um espírito de entendimento e amizade mútuos, ajudando-a na construção de um mundo melhor e mais pacífico.
 - 3 Difundir os princípios Olímpicos por todo o mundo, criando assim a boa vontade internacional.
 - 4 Reunir os atletas do mundo nos Jogos Olímpico a cada quatro anos.
- (PAYNE, 2006, p.19)

Desses quatro princípios básicos derivam-se os ideais olímpicos de fraternidade, amizade, paz e entendimento universal. O estabelecimento de

uma moldura para a realização dos jogos era central às idéias de Coubertin. O Comitê Olímpico Internacional, uma organização internacional sem fins lucrativos, deveria assumir o papel central. Por falta de uma palavra melhor, o COI é o dono dos Jogos Olímpicos, Inicialmente, o COI era apenas um agrupamento de membros individuais - até recentemente vitalícios - que agiam como depositários do ideal olímpico. (PAYNE, 2006)

Fica evidente que os jogos de Munique foram uma tentativa de reabilitação da então Alemanha Ocidental de se mostrar como uma nação pacífica e democrática, em meio a um período turbulento da história contemporânea. Sob um olhar fincado no ano de 2012, olhar para o passado e verificar, as nuances de discursos políticos e as mudanças de posicionamento a respeito do ideal olímpico nos últimos 40 anos provoca um olhar cético a respeito do quão apolítico o movimento foi ou ainda é. Fica claro a influência da mídia e da geopolítica das nações assim como a movimentação de grandes quantias de dinheiro na realização e preparação de megaeventos esportivos. E além disso é muito complexo e difícil falar de temas e de um período da história tão rico em fatos e versões. Sendo assim vale lembrar que este foi um estudo de caráter exploratório e visa sedimentar terreno para pesquisas futuras.

5 REFERÊNCIAS

- ARAUJO, L.; AMORIM, R.; PRONI, M. W. . **Leitura econômica dos Jogos Olímpicos: financiamento, organização e resultados**. Texto para Discussão (IPEA), v. 1356, p. 01-10, 2008
- BURKE, Peter. **O que é historia cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005
- CARDOSO, Mauricio. **100 Anos de Olimpíadas** - de Atenas a Atlanta. SCRITTA,1996
- CARDOSO, Mauricio. **Os Arquivos das Olimpíadas**, . Panda. 2000.
- COLLI, Eduardo. **Universo olímpico: uma enciclopédia das Olimpíadas**. São Paulo: Codex, 2004.
- ENGELMAN, S.; PERRONE, Cláudia Maria. **Olimpismo e uma nova perspectiva para o multiculturalismo**. In: Reppold, A.;Pinto, L;Rodrigues, R; Engelman, S.. (Org.). Olimpismo e Educação Olímpica. 1ed.Porto Alegre: UFRGS, 2009, v. 1, p. 79-88.
- FREITAS, C. M.; COSTA, Antônio da Silva. **Gênese da sociologia do esporte: evolução histórica**. Mneme (Caicó. Online), v. 08, p. 1-23, 2006.
- HOBBSAWN, E. **Era dos extremos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LENK, H. **Towards a Philosophical Anthropology of the Olympic Athlete** (International Olympic Academy Proceedings) pp. 163-177, 1982.
- LOLAND, S. **Coubertin's ideology of Olympism from the perspective of the history of ideas**. Olympica International Journal of Olympic Studies. v. IV, 1994, p. 49-78.
- MESQUITA, R. M. ; REPPOLD FILHO, A. R. . **Academia Olímpica Brasileira: Histórico, Objetivos e Atividades Educacionais e Acadêmicas**. In: MORAGAS, M.; DaCOSTA, L.P.. (Org.). Universidad y Estudios Olímpicos. Barcelona/Rio de Janeiro: Universitat Autònoma de Barcelona/Universidade Gama Filho, 2007, v. , p. 649-656.
- MÜLLER, N. **Olympism and Sport For All**. Ancient Olympia: International Olympic Academy, 1988.
- MURAD, Maurício. **Jogos Olímpicos e política um dia de setembro**. In: Victor Andrade de Melo e Fabio de Faria Peres (org.) O esporte vai ao cinema. São Paulo: SENAC SP, 2005
- NISSITIS, N. **Olympism and Today's Reality** (International Olympic Academy Proceedings) 1984.
- O GLOBO, 2005 <http://www.ceme.eefd.ufrj.br/ive/boletim/bive200511/imprensa%5Co_globo%5Cpdf_globo%5Cadidas.pdf> Acesso em: 25 set. 2012.

PAYNE, M. **A virada olímpica: como os Jogos Olímpicos tornaram-se a marca mais valorizada do mundo**, tradução Dayse Batista. - Rio de Janeiro: Casa da Palavra: COB, 2006

PARRY, J. **Ethical aspects of the Olympic Idea**. In: 3RD JOINT INTERNATIONAL SESSION FOR EDUCATIONISTS AND STAFF OF HIGHER INSTITUTES OF PHYSICAL EDUCATION. ANCIENT Olympia: IOA, 1977.

PRONI, Marcelo. **A METAMORFOSE DOS JOGOS OLÍMPICOS** (1896-1996), Texto integrante dos Anais do XVII Encontro Regional de História – O lugar da História. ANPUH/SP-UNICAMP. Campinas, 6 a 10 de setembro de 2004. Cd-rom.

PRONI, Marcelo. **A Reinvenção dos Jogos Olímpicos: um projeto de marketing, Esporte e Sociedade** ano 3, n9, Jul.2008/Out.2008 Proni

REEVE, Simon. **One Day in September: The Full Story of the 1972 Munich Olympics Massacre and the Israeli Revenge Operation "Wrath of God"**, New York: Arcade Publishing, 2011

RUBIO, K. . **A dinâmica do Esporte olímpico do século XIX ao XXI** In: Rev. bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo, v.25, p.83-90, dez. 2011 N. esp.

RUBIO, K. . **Jogos Olímpicos da Era Moderna: Uma proposta de periodização**. In: Rev. bras. Educ. Fís. Esporte, São Paulo, v.24, n.1, p.55-68, jan./mar. 2010

SALUN, Alfredo Oscar. **Esportes e propaganda política na década de 1930**. Contemporâneos Revista de Artes e Humanidades. Santo André, n.10 mai-out, 2012. Disponível em: <<http://www.revistacontemporaneos.com.br/n10/artigos/esportes-propaganda-politica.pdf>> Acesso em: 20 set. 2012.

SUGAHARA, T. **Terrorismo e insegurança no mundo pós 11 de setembro**, 2008. Dissertação de Mestrado. UNESP/MAR/RELAÇÕES INTERNACIONAIS (UNESP/UNICAMP/PUC-SP), Brasil

SIMIONI, Alexandre Arthur Cavalcanti - **A relação simbiótica entre mídia, terrorismo e grandes eventos esportivos**. Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, ECEME, Coleção Meira Mattos, revista das ciências militares, nº 25, 1º quadrimestre 2012, BIBLIX, Rio de Janeiro, 2012

SIGOLI, M. A., DE ROSE JR., D. **A história do uso político do esporte**. R. bras. Ci e Mov. 2004; 12(2): 111-119.

TAVARES, O. . **Quem são os vencedores e os perdedores dos Jogos Olímpicos?**. Pensar a Prática (UFG), Goiania - GO, v. 8, n.1, p. 48-55, 2005.

TAVARES, O. (Org.) ; DACOSTA, L. P. (Org.) . **Estudos Olímpicos**. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 1999. 359p .